

Apresentação

Os campos de estudo da literatura e da lingüística vêm-se ocupando, há algum tempo, da investigação sobre as fronteiras e inter-relações entre linguagens. A comparação de textos literários com outros objetos artísticos, a expansão dos estudos de linguagem para as interações entre língua e sociedade, os estudos do discurso e das relações intersemióticas são manifestações do interesse dos pesquisadores pela ultrapassagem dos limites rígidos de campos fechados do saber. Essas tendências, por sinal, constituem sintomas de que a reflexão acadêmica se revela plenamente disposta a reconhecer e acolher o mundo espetacular do nosso tempo, em que todas as formas do vivido só têm existência e sentido como representações, manifestadas em múltiplos códigos simbólicos.

Esse número da revista *Gragoatá*, ao oferecer um conjunto de ensaios que discutem as relações entre as linguagens e os fenômenos discursivos nelas inscritos, insere-se nessa urgência intelectual de dar conta de uma cultura sobrecarregada de imagens, silêncios, palavras, ruídos e vazios, por meio da expansão e alargamento dos modos de reflexão e pesquisa. Reunindo trabalhos de literatura comparada, semiótica, análise do discurso e sociolingüística, que refletem sobre objetos diversificados como a televisão e as cartas de reclamação, a poesia e a pintura, a linguagem digital e os objetos sincréticos, a literatura, a canção popular e o cinema, o número aqui apresentado contribui não só para a compreensão dessa profusão de linguagens, mas também para o fortalecimento de novos parâmetros teóricos e metodológicos para a análise de tais acontecimentos discursivos.

Abre o número a entrevista que o poeta uruguaio Roberto Echavarren concedeu a Celia Pedrosa e Antonio Andrade, colocando em primeiro plano as questões da poesia contemporânea e sua vinculação com outras formas de arte e de linguagem. O ensaio de Antonio Andrade sobre a poesia de Echavarren explicita tais relações, mostrando de que modo a poesia dialoga criticamente com a vida cultural contemporânea. O ensaio, ao chamar a atenção para uma certa visualidade convulsionada, marcada pela estética do excesso e da proliferação, na poesia do uruguaio, convida a uma reflexão sobre as tensões características da sociedade atual e propõe uma reflexão sobre as articulações da poesia brasileira com o universo poético latino-americano.

Também falando de um contexto de corrosão e de discursos em confronto, Jorge Valentim aborda o Portugal finissecular oitocentista, por meio da comparação entre a prosa lírica de Raul Brandão e a pintura de Columbano. "Imagens crepusculares" é o título do artigo, que

associa a natureza obscura e depressiva das duas obras à consciência de um cenário corroído e decadente, em que se manifesta o conflito entre modernidade e tradição daquele final de século.

Do século XIX voltamos ao XX, desta vez para refletir sobre um choque brutal para a humanidade, o holocausto, no artigo de Arthur Nestrovski sobre *Shoah*, de Claude Lanzmann, filme com 9 horas e meia de testemunhos de participantes da barbárie. Discutem-se aqui as noções de trauma e de representação, de memória e esquecimento, de linguagem e impossibilidade de expressão.

Ainda pondo em xeque o problema da representação, o artigo de Renato Cordeiro Gomes discute a superabundância de imagens, linguagens e tecnologias que marca a pós-modernidade, estabelecendo um diálogo entre Italo Calvino e Ricardo Piglia, com o objetivo de relacionar o excesso de imagens à saturação da informação. A literatura e a necessidade de re-significar as imagens e a palavra funcionariam como uma espécie de "antídoto" dessa profusão simbólica em que o sentido acaba por se esvaziar.

A busca de novas formas de narrar é uma das maneiras de fazer frente a essa dificuldade da representação de sentidos gastos e de superabundância de signos. É o que discute Vera Lúcia Follain de Figueiredo, observando narrativas policiais na literatura e no cinema, especialmente nas obras de Paul Auster e David Lynch, em que se dissolvem as fronteiras entre autor e personagem, realidade e ficção, assassino e vítima. Dessa maneira, indica de que modo o universo da ficção policial permite interrogar a noção de verdade e tematizar a fragilidade das certezas.

Também comparando literatura e cinema, Daniel Bento examina o *Breve romance do sonho*, de Arthur Schnitzler, e sua adaptação cinematográfica por Stanley Kubrick, *De olhos bem fechados*. Utilizando conceitos da psicanálise, o autor mostra que Freud pode funcionar como uma espécie de mediador, permitindo aproximar o filme da ficção que o inspirou, por meio das divergências e distanciamentos entre as duas obras. Ainda sobre cinema, Fernando Morais da Costa discute sua materialidade sonora, chamando a atenção para a questão do silêncio nos filmes, por meio de vários exemplos que ilustram sua força significativa, seu papel de revelar tensões, produzir emoções e criar identificação.

Karl Eric Schollhammer não fala da falta, mas, ao contrário, da exuberância e do excesso, de deslocamentos e desestabilizações, ao recontar a história do realismo mágico, pela via das artes plásticas, onde a noção aparece pela primeira vez. Ao apresentar a interpretação histórica do conceito, o ensaísta se propõe contribuir para a ampliação dos limites dos estudos literários, inscrevendo-os no campo da análise cultural.

É nessa direção, por meio da inclusão no campo dos estudos comparados das interações entre literatura contemporânea e

tecnologias audiovisuais, que Ana Cláudia Viegas analisa três romances de Bernardo Carvalho. A autora chama a atenção para o modo como a mobilização de formas meta-estáveis, sempre em processo de combinação e reconstrução, no romance, corresponde à noção de hipertexto, incluindo em sua análise não só a observação das novas tecnologias como tema ou objeto de representação, mas como influência inscrita no modo de narrar e na forma de expressão da literatura.

Do mundo digital propriamente, saem os poemas que Alckmar Luiz dos Santos analisa em "O ser e o existir do poema digital". Para o autor, a poesia produzida em meios digitais incorpora corpo, olhar, tato e gestos à natureza do poema, não mais submetida às instâncias de subjetivação do artista. José Luiz Jobim, focalizando o mesmo meio, mas pondo em foco uma outra questão, discute o *status* da autoria e da leitura no mundo digital, analisando o impacto das novas tecnologias e dos novos quadros das referências legais que protegem o autor e delimitam a ação do usuário. Comparando a cultura do livro com o novo universo dos *e-books*, abre caminho para que se pensem os novos modos de apropriação dos textos pelos leitores, diante de bibliotecas virtuais que oferecem acesso a uma nova forma de construir e significar o ato de leitura.

Segue-se a esse conjunto em que a literatura ocupa lugar de destaque um bloco de artigos fundamentados na semiótica francesa, que se ocupam de diferentes objetos significantes. Jacques Fontanille analisa a programação da TF1, rede de televisão francesa, observando os efeitos de cor, luz e matéria que conferem o estilo e a identidade visual da emissora, em meio à diversidade temática e à dispersão estrutural da programação. O autor oferece contribuição teórica original, ao analisar os mecanismos enunciativos que fixam um regime de crença e promovem a estabilização icônica das relações entre o plano da expressão e o plano do conteúdo na linguagem televisiva.

Luiz Tatit e Ivã Carlos Lopes examinam três modelos de relação entre melodia e letra na composição de canções no Brasil. Tomando como exemplo "Terra", de Caetano Veloso, os autores oferecem uma metodologia de análise que demonstra o rendimento descritivo da semiótica, do qual decorre a apreensão do sentido da canção como uma compatibilidade de conteúdos de seus dois componentes, melodia e letra.

Norma Discini analisa o jornal como uma totalidade de discursos, de que se depreende um determinado efeito sujeito. Constituído-se como corpo, voz, caráter e estilo, esse sujeito é observável em categorias homologáveis nos planos da expressão e do conteúdo. Ainda operando com a mesma base teórica, Lucia Teixeira ocupa-se dos textos sincréticos, aqueles em que várias linguagens constituem uma só unidade formal de sentido. Por meio da análise de um catálogo de exposição de Beatriz Milhazes, a autora propõe uma metodologia que possa descrever os mecanismos enunciativos que conferem às várias

substâncias significantes a unidade formal que produz o sentido do texto.

Finalmente, a contribuição da sociolinguística, no artigo de Maria das Graças de Santana Salgado, vem oferecer a possibilidade de incorporar a emoção cotidiana a toda essa reflexão sobre as linguagens. Analisando cartas de reclamação, e suas manifestações de hostilidade e vulnerabilidade, a autora inclui, nesse número que começou com a poesia, a burocracia, como que para mostrar aos leitores da revista que se buscou, aqui, abrir espaço para a linguagem em todas as suas formas de manifestação, em diferentes suportes e em inusitadas articulações.

A revista *Gragoatá*, assim, oferece, neste número, não só aos pesquisadores das áreas de Letras e Linguística, mas a todos os interessados em refletir sobre a linguagem, material rico e diversificado, extenso nas manifestações que observa e intenso na rede teórica que mobiliza. Em meio à variedade de análises, ressalta a necessidade sempre renovada de compreender o mistério de existir na linguagem, espécie de resistência à fragmentação, ao vazio e ao excesso de um mundo por vezes incompreensível em sua exuberância simbólica.*

Lucia Teixeira e Roberto Acízelo de Souza

Organizadores

* Agradecemos muito especialmente a Solange Vereza, pela revisão dos *abstracts* e redação de alguns deles.